

RESENHA

3ª EDIÇÃO | 2022

RESENHA

REVESTIDOS DE PODER
UMA INTRODUÇÃO À TEOLOGIA PENTECOSTAL

Lucas Braga Medrado da Silva



REVESTIDOS DE PODER

UMA INTRODUÇÃO À TEOLOGIA PENTECOSTAL

Lucas Braga Medrado da Silva¹

O livro *Revestidos de Poder: uma introdução à teologia pentecostal* de Gutierrez Fernandes Siqueira, publicado em meados 2018 pela Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD), é um marco histórico para o pentecostalismo brasileiro. O autor que é declaradamente pentecostal, traz à baila contribuições caríssimas à teologia pentecostal que, hoje, é lida e produzida com muito respeito e dedicações por estudiosos da área, sobretudo pesquisadores estudiosos pentecostais. É inegável que seu texto, embora, carregado de diálogos com diversos autores acadêmicos, seja tão primorosamente acessível.

O primeiro contato com o livro abrem dois “caminhos” relevantes para pensarmos a teologia pentecostal. O primeiro, refiro-me ao caminho da linguagem, e, é por esse viés, que Siqueira oferece-nos uma escrita visceralmente objetiva, clara e transparente. É possível que seu livro “caia” em mãos do/da mais leigo/a leitor/a, e, mesmo assim, a partir de uma escrita absolutamente teologal, autor consegue exitosamente “falar a língua do outro”. Um segundo viés é da bibliografia citada no livro. Talvez, o escritor não saiba, mas quando a bibliografia é selecionada de forma crítica e ponderada, os leitores tomam nota e indiretamente passam a ter acesso a autores citados na obra. Pode-se afirmar que, a “voz autoral” do escritor sussurra aos ouvidos e nos concita a partilharmos de outras visões, teologias e percepções. Inobstante, a cada capítulo, uma “busca nova”, busca que orienta seu interlocutor à procura de outras fontes recomendadas.

Concernente à edição, o livro acerta na capa, na apresentação e no prefácio. Desde a imagem-símbolo (descida do Espírito) até às considerações de José Gonçalves² e César Moisés³, o autor mostrou-se compromissado com pentecostais e sua teologia. Outrossim, a “costura”

¹ Doutorando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. E-mail: lucamedrado@usp.br

² Pastor, teólogos, filósofo e comentarista de Lições Bíblicas de Adultos da CPAD.

³ Pesquisador e autor do livro *Pentecostalismo e Pós-Modernidade*: quando a experiência sobrepõe-se à Teologia (CPAD, 2017).

entre autores internos e externos, prova o quanto o pentecostalismo caminha (e já tem o feito) para uma discussão teológica de alto nível. Portanto, afirmar que não há teologia pentecostal é solo brasileiro, é, antes de tudo, desonestidade intelectual.

Hoje, temos autores que além de publicarem, socializam em suas redes sociais indicações de leituras, pesquisas, traduções, palestras dentre outras formas de sociabilização do conhecimento para ampliarem o espaço de debate com uma teologia cada vez mais pública. Ou seja, os pentecostais, também estão preocupados com o fazer teológico para além dos “guetos religiosos”.

Ressalto que *Revestido de Poder* pode, por conseguinte, pode ser utilizado em paralelo com outros lugares de saberes, e não apenas como leitura (obrigatória) para pentecostais-intelectuais. Destaco esses lugares como: Escola Bíblica Dominical (EBD), conferências pentecostais, estudos bíblicos, cultos ensino dentre outros eventos que suscitam à reflexão teológica. Nesse sentido, o livro galgou um lugar de destaque dentro e fora do Brasil.

Feito essas considerações iniciais, passemos aos capítulos. Um adendo, caro leitor, essa resenha não substitui a leitura do livro, e, como pentecostais sabemos que ainda há resistência antiintelectualista em alguns ambientes por aí afora. No entanto, “mergulhar” numa leitura simples, mas não simplória, permite uma experiência única e ressignificadora à nossa pentecostalidade e a cosmovisão cristã.

Em sua introdução, Siqueira, direciona nosso olhar para “retrovisor da história.” É interessante o *link* que o autor estabelece entre o pentecostalismo como movimento carregado de emoções e o pentecostalismo enquanto espaço de produção e pensamento teológico que, ora é influenciado, ora é influenciador. Essa dupla pertença não tira do movimento pentecostal o desejo de somar a experiência à teologia. Ao contrário, paulatinamente as doutrinas, principalmente, a *pneumatologia*, foram tomando forma no pensamento pentecostal. Os inúmeros debates a respeito da pessoa do Espírito, desenharam e redesharam diversas posições teológicas na história da igreja. Como estamos frente a uma obra que aborda a teologia pentecostal, faz-se necessário afirmar que todo o desenvolvimento histórico-teológico do cristianismo, não conseguem empurrar o pentecostalismo para fora da “mesa da razão”. Há, inclusive, diversos “teólogos” que tentam a todo custo deslegitimar o pentecostalismo por acreditarem que o movimento está apartado do pensamento crítico.

Isso não é verdade! A teologia pentecostal, assim como outras teologias de instituições históricas, também se aproxima e lança mão de metodologias, ferramentas exegético-hermenêuticas e a própria teologia (Lucas-Atos). Contudo, o texto bíblico e mundo são lidos pelo pentecostal a partir das “lentes” do Espírito. O que não desqualifica o pentecostal em nada, posto que, sua maneira de ler é *pneumatológica* e profundamente imersa na teologia do Espírito sem se desconectar das ferramentas de análises. Portanto, a teologia pentecostal imprime a pentecostalidade orgânica, esta não nega de forma alguma o pretérito em detrimento do racionalismo, mas, fixa-se no passado para resgate dos fundamentos e valores espirituais descrito em Lucas-Atos. Conseqüentemente, revestidos e sob o poder do Espírito, os pentecostais testemunharão a Cristo e ainda e contribuirão no crescimento da comunidade a partir da missão.

Provoco com as seguintes questões (sem respostas) para futuros os diálogos: *não seria essa teologia (pentecostal) visceralmente importante, rica e atravessada por uma espiritualidade viva? Estaria a teologia pentecostal apenas vinculada às emocionalidades humanas sem nenhum tipo de crítica, metodologias ou ferramentas analíticas? Será que não há esforço de apagamento e negação em demasia por parte daqueles que querem deslegitimar o pentecostalismo e sua história, a fim de afirmarem que a teologia “X” deve ser manter no poder como a verdade absoluta?*

No capítulo I, o autor levanta a temática da evangelização, e ao abordar a temática nessa parte do livro, o escritor propôs quatro tópicos e/ou subtítulos que nos encaminham à discussão acerca da natureza testemunhal da comunidade cristã. Pensar a evangelização, principalmente, em bairros periféricos é um grande desafio. Para Siqueira, a evangelização é um processo ou ato de comunicar a mensagem divina levando em conta o Espírito como guia.

Pode-se afirmar também que a evangelização é um imperativo divino que deve cumprida, e jamais ser confundida e/ou transformada em proselitismo/profetismo desenfreado. Nesse quesito o livro assume uma postura prático-pedagógica que orienta o/a leitor/a pentecostal. Certamente Gutierres vai além de um texto “teorizador”, pois indica os problemas e alerta ao seu interlocutor que é preciso ter cautela no que tange à vocação da igreja. Como pentecostal periférico, sei dos perigos que a comunicação irresponsável pode causar à sociedade. Não é difícil perceber quando a religião e a institucionalidade ficam à frente da palavra pregada, assunto caro em tempos de polarizações e intolerância religiosa.

O capítulo II versa sobre a fé pentecostal e o racionalismo moderno. De início, o autor aborda o processo histórico da pós-modernidade. Presumo ser este assunto bastante complicado de se levantar no seio pentecostal. Por dois motivos, diria: o primeiro porque é preciso conhecer a história (nem todos têm ou tiveram acesso); segundo, pela própria densidade do assunto. Ademais, a modernização ou é um processo histórico longo que traz consigo complexas causas e consequências para sociedade. Além de ser também um fenômeno inerente a esta última. À vista disso, é compreensível que o/a leigo/a tenha dificuldades de compreender esse ponto da história. No entanto, a escrita leve de Siqueira, nos conduz de maneira tranquila nessas “águas turbulentas”. O caminho é curto e rapidamente da modernidade passamos para o fundamentalismo histórico.

No que concerne a interseccionalidade entre pentecostalismo e pós-modernidade, temos um ponto positivo que Siqueira resgata de autores como Armstrong (2009)⁴ e Carvalho (2017)⁵. O primeiro aponta para uma ruptura do pentecostalismo com a racionalidade; já o segundo permite-nos compreender que pós-modernidade preconiza ou pelo menos valoriza a subjetividade humana. Contudo, o autor da obra alerta sobre se fazer uma leitura apaixonada do avanço da pós-modernidade, posto que, o processo modernizador também incluiu em seu bojo problemas históricos como o liberalismo teológico, *desmitologização* da bíblia, o fundamentalismo bem observado pelo autor.

Enfim, o capítulo fecha considerando ser a fé do pentecostal antimoderna e que está aquém do liberalismo/fundamentalismo, ou seja, o pentecostalismo não está e nem deve estar ao lado da racionalidade pura, tampouco, do sectarismo mórbido. O pentecostalismo, nesse caso, deve estar ao lado da vivacidade/liberdade do Espírito no que tange a dinâmica espiritual da comunidade de fé.

Sobre o capítulo III, afirmo que temos o ponto alto do livro *Revestidos de Poder*, ponto alto do em minha visão. Sim, nessa parte do livro o autor não poderia ser tão feliz. Mais uma vez Gutierrez acerta, agora no conteúdo da escrita. Basta ler textos e mais textos por aí que verificaremos a preocupação das obras apenas com a teologia e seus aspectos. É sumamente importante tocar no assunto da experiência. Ademais, somos o que somos não só pela teologia, mas pela subjetividade individual.

⁴ Ver in: ARMSTRONG, Karen. *Em Nome de Deus*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

⁵ Ver in: CARVALHO, César Moisés. *Pentecostalismo e Pós-Modernidade: quando a experiência sobrepõe-se à Teologia*. 1ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

Sem nenhuma delonga, Siqueira propõe a seguinte afirmação (2018, p. 50) “*separar a experiência das Sagradas Letras é um atestado para tragédias*”, em outras palavras, a experiência deve existir, é legítima e deve ser preservada no pentecostalismo. O sobrenatural é bíblico, quiçá, alguns cessacionistas “soubessem”. Provocações à parte, façamos a autocrítica: lamentavelmente alguns ambientes cognominados pentecostais maculam a tradição, nisso, não podemos ter culpa, uma vez que estamos falando de milhões de pentecostais. Refiro-me a lugares que invertem a “lógica”, estabelecendo que a experiência é a fonte e a teologia/bíblia são os meios. Qualquer comunidade pautada nessa “lógica” equivocada, não conseguirá imprimir de modo algum um pentecostalismo clássico.

A experiência individual é o meio pelo qual o Eterno se revela e acrescenta à fé para que se viva de maneira prática. Já a bíblia é norma basilar da fé pentecostal e a teologia uma junção de conceitos, visões, tradições, etc. Como isso, Gutierrez junto às afirmações de Carvalho (2017), mostram claramente que a experiência não deve ser descartada, mas *linkada* à teologia de modo que possa equilibrar a relação com o Espírito Santo. Veja, não é negar uma e ficar com a outra e sim viver a realidade espiritual a partir de ambas.

Ao avançar para os capítulos IV e V, que entendo como complementares, no sentido de agrupar assuntos como a liturgia pentecostal e a natureza da profecia, o autor, manteve a escrita elucidativa e cuidadora. No que tange os aspectos cúlticos nessa parte do texto, é possível detectar que Siqueira, não acredita que um culto pentecostal deva ser puramente formal e preso à formalidade de modelos de cultos protestantes que, de alguma forma, estimulam apenas a racionalidade no culto. Obviamente, o autor não está criticando pelo simples fato de criticar, mas está chamando a atenção do movimento pentecostal quanto à subjetividade e “olhando” a espiritualidade e emoções da comunidade de fé com certo zelo.

Sendo assim, para os pentecostais uma liturgia fixada apenas na formalidade cúltica não conecta os fiéis à experiência no Espírito. É interessante a abordagem sobre a temática proposta, pois, o que se verifica nos dias de hoje são textos que abertamente negam a experiência do culto pentecostal, deslegitimam as ações do Espírito e rotulam diversos espaços em nome da “razão” ou “conhecimento.”

No entanto, pergunto: *o que explicaria um culto pentecostal sem a contemporaneidade dos dons na pessoa do Espírito?*

Admoestar os crentes, concernente à ordem no culto não é uma novidade para os cristãos, Paulo, por exemplo, não proíbe a igreja grega de Corinto a viver de forma viva e fervorosa, inclusive, há expressões claras do apóstolo estimulando os membros na busca, na decência e no uso dos dons para edificação da igreja. Nesse sentido, não podemos perder de vista os exageros nas mais variadas composições do pentecostalismo (prefiro pentecostalismos dado a pluralidade), quanto a isso, a obra é objetiva, e, de fato, existem os exageros, todavia, “barrar” a ação do Espírito para dar conta de problemas comunitários nas pequenas e grandes igrejas no Brasil seria uma idealização. Para encerrar e seguirmos para o próximo capítulo, é preciso ressaltar que, mais uma vez, a meu ver, o livro assume novamente um lugar pedagógico no que se refere a natureza da profecia. Não é só pedagógico, transforma-se também num pequeno “manual” prático para pentecostais e até não pentecostais.

Não poderia ficar de fora da obra *Revestidos de Poder* aquela que faz parte da história da liturgia das Assembleias de Deus no Brasil, a Harpa Cristã. O capítulo VI, especificamente, é fundamentado na história e passa por diversas datas citadas no início da redação. Quanto à historicidade da HC, arrisco-me a afirmar que está coerentemente explicitada. Porém, faltou escrever sobre o lado poético das letras/composições. Felizmente, a HC tem muito a ensinar nesse particular. As composições podem parecer para alguns apenas um conglomerado de letras no caderninho de papel, engana-se quem assim a considera.

A HC é um composto poético atravessado pela “escrivência” de um povo, o que inclui emoções, percepções, estado de poesia, sofrimentos e esperança. Cantar com a harpa aguça os sentidos dos pentecostais de maneira sinestésica. Por conseguinte, os fiéis passam a ter no momento do culto uma experiência poética-histórico-espiritual. Ou seja, há uma transcendentalidade no uso da HC, não que esta substitua a bíblia, mas sua teologia está fundamentada em dois eixos: na vida e na bíblia, justamente por isso, a HC se projeta como produção estético-literária que marca o tempo e se torna no seio pentecostal parte atemporal do culto assembleiano.

No capítulo VII, o tema *Batismo no Espírito Santo* “aparece” como equilíbrio do livro. Talvez um dos maiores capítulos da obra. Nessa parte apenas farei apontamos simples e específicos do capítulo. Começo com uma pergunta inicial e corriqueira, a saber: *o que é batismo no Espírito Santo?*

Tal indagação (de longe), ainda que pareça estranho, é uma das perguntas verbalizada entre os pentecostais. Muitos assembleianos ainda carregam essa interrogação. Interrogação que é repetida categoricamente por uma maioria de assembleianos em diversas partes do país. O autor fez um esforço significativo para elucidar a questão calcado em diversos outros autores que poderão ser consultados após a leitura.

O que chamou minha a atenção, de fato, foi precisão no tratamento dos tópicos caros à comunidade pentecostal, e, que, até hoje, para se aproximar do assunto o pentecostal precisa cercar-se de textos básicos para conseguir dar conta conteúdo/assunto. Deixo por conta do leitor o capítulo em questão, certo de que os aportes exegético-hermenêuticos irão descortinar as indagações históricas, sem perder o “chão” da pesquisa acadêmica, diria que é um ponto alto na escrita de Gutierrez.

Quanto ao *Falar em Línguas*, título do capítulo VIII, a obra acerta novamente ao afirmar a contemporaneidade do falar em línguas, manifestação que sob às “lentes” cessacionistas, é malquista e lida pejorativamente. É como se os pentecostais (na leitura do cessacionistas radicais) fossem desprovidos da razão humana. Isso não condiz com a realidade! Para além de uma explicação exegética, Gutierrez estabelece uma importantíssima discussão ao trazer à tona pesquisas científicas sobre o tema.

O texto nesse particular busca dialogar com a ciência sem renunciar à sobrenaturalidade pentecostal. Nesse ponto, o livro abre caminhos para o debate no ambiente acadêmico e para mostrar que o pentecostalismo se distingue das igrejas históricas no tange o bom uso do dom de línguas. O bom uso, não significa uma viagem escapista à irracionalidade cúltica, significa, nesse sentido, o cultivo e a edificação da igreja no uso dos dons segundo a deliberação do Espírito.

Por fim, e não menos importante, chegamos no capítulo IX. Na parte final da obra um outro tema conhecido é destacado pelo escritor. Dessa vez, *O Pentecostalismo* vem ao lado da *Reforma Protestante*. Não se trata de imprimir uma reforma protestante amarrada no século XVI, dado que o pentecostalismo em sua força outorgada pelo Espírito ressignifica os espaços de fé.

O que isso significa?

Significa que de *lá* para *cá*, fundamentado na reforma o pentecostalismo não se deixou levar pela formalidade e fundamentalismo dos movimentos históricos. Ao contrário, se deixou “soprar” e mesclar com outras tradições, tradições que ao longo dos anos avivaram-se e reavivaram-se, e mais, deram sentido a “parte espiritual” da reforma protestante. Assim, mesmo longe dos seus antepassados, “distante” das 95 teses e esperançoso no século XXI, o pentecostalismo, afirma ser quem ele é, movimento do Espírito que traz para si tanto a bíblia quando as experiências espirituais na/da vida sem perder de vista sua natureza testemunhal no mundo.

Meu desejo é que você, leitor, não demore para ler *Revestidos de Poder: uma introdução à teologia pentecostal*.

REFERÊNCIA

SIQUEIRA, Gutierrez Fernandes. *Revestidos de Poder: uma introdução à teologia pentecostal*. 1 ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2018.